

ARRUANÇA

Por Felipe de Menezes¹

Arruança abriu a programação dos espetáculos selecionados para o 37º Festivale, no dia 1 de setembro, no caminho da Praça Afonso Pena até o Pátio do Museu Municipal. Nessa trajetória, com três paradas, o Grupo Rosa dos Ventos, da cidade de Presidente Prudente, apresentou um daqueles trabalhos que se instala nas fronteiras das artes circenses e do teatro. E, talvez, essa seja a materialidade cênica principal a se discutir nessa reflexão crítica.

Fernando Ávila, Luis Valente e Tiago Munhoz atuam e dirigem *Arruança* – que tem como inspiração os tradicionais carros-esquisitos que víamos nos tradicionais circos de lona nas cidades do interior. Aliás, o grande protagonista da noite foi uma van, ou melhor, a carroça da trupe Rosa dos Ventos. Durante sessenta minutos (ou mais), estivemos diante de três estupendos atores, forjados no teatro de grupo do interior paulista. A dramaturgia é um tecimento de números circenses, músicas tocadas e cantadas, habilidades físicas e muita comicidade – que, para além do texto em si, é construída com o jogo que só é possível dado o longo tempo de convivência entre esses atores – que se encontraram, pela primeira vez, quando ainda eram jovens universitários.

Sob/com a máscara da palhaçaria, o Rosa dos Ventos, nesse trabalho, nos apresenta uma função que, como dissemos, tem uma carroça como atriz principal. O veículo da trupe é o espaço físico e simbólico para falar, dentre muitas coisas, da nossa precariedade como artistas, sobretudo nós, que

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

insistimos em produzir teatro nas periferias da capital. O Rosa dos Ventos, sempre marca presença nos festivais, mostras e nos espaços de debates quando o assunto é política pública para a área da cultura. Portanto, não poderíamos esperar outra coisa, senão uma cena comprometida com o lugar social no qual a trupe está inserida. E isso orgulha a nós todos.

A precariedade – brilhantemente – exposta nessa voz rouca e imprevisível da carroça é o nosso solo, metáfora perfeita do nosso teatro interiorano. Não porque nos falte qualidade, pesquisa ou comprometimento. Pelo contrário, a precariedade advém dessa labuta pelo mínimo de dignidade que podemos ter como artistas que escolheram não estar na capital. Perdemos espaços de ensaio, sedes, pontos de cultura; perdemos brilhantes artistas para o trabalho formal fora das artes. A regularidade em nossos trabalhos fica sempre comprometida por conta da falta de apoio financeiro que fomenta e faça circular nossas produções. A carroça rouca, louca e imprevisível é o nosso espaço de atuação: ora funciona, ora temos que dar um empurrãozinho. E, tudo isso, com a gente em cima da carroça, reclamando e cantando, tudo ao mesmo tempo: consertando, enviando projetos, tendo projeto recusado e, às vezes, surge um festival para que nossa alegria volte a respirar.

Fernando, Luis e Tiago são artistas que todo coletivo gostaria de ter. Atores extremamente experientes na lida do ofício e que tem um poder enorme de comunicação com o público. Escolheram o teatro de/na rua porque a grande brincadeira está na forma (des)organizada, no improviso respeitoso com as pessoas em situação de calçada.

Arruança é um lindo trabalho para todas as idades. E sua complexidade reside justamente nesse ponto: os mais novos se divertem com os quiproquós da trupe e os adultos aproveitam as mais sofisticadas ironias e perversões dos palhaços. É isso que faz do espetáculo um oásis nesses tempos de tantas violências a que estamos expostos cotidianamente. Depois de tanta risada, pouco importa se é circo ou se é teatro. É tudo isso e muito mais.

Parabéns, meninos-homens. Viva o teatro popular! Viva o Rosa dos Ventos!